



A **Editora Rede UNIDA** oferece um acervo digital para **acesso aberto** com mais de 200 obras. São publicações relevantes para a educação e o trabalho na saúde. Tem autores clássicos e novos, com acesso **gratuito** às publicações. Os custos de manutenção são cobertos solidariamente por parceiros e doações.

Para a sustentabilidade da **Editora Rede UNIDA**, precisamos de doações. Ajude a manter a Editora! Participe da campanha «e-livro, e-livre», de financiamento colaborativo.

Acesse a página  
<https://editora.redeunida.org.br/quero-apoiar/>  
e faça sua doação

Com sua colaboração, seguiremos compartilhando conhecimento e lançando novos autores e autoras, para o fortalecimento da educação e do trabalho no SUS, e para a defesa as vidas de todos e todas.

Acesse a Biblioteca Digital da Editora Rede UNIDA  
<https://editora.redeunida.org.br/>

E lembre-se: compartilhe os links das publicações, não os arquivos. Atualizamos o acervo com versões corrigidas e atualizadas e nosso contador de acessos é o marcador da avaliação do impacto da Editora. Ajude a divulgar essa ideia.

[editora.redeunida.org.br](https://editora.redeunida.org.br)



Coordenador Nacional da Rede UNIDA

**Túlio Batista Franco**

Coordenação Editorial

Editor-Chefe: **Alcindo Antônio Ferla**

Editores Associados: **Gabriel Calazans Baptista, Ricardo Burg Ceccim, Cristian Fabiano Guimarães, Márcia Fernanda Mello Mendes, Júlio César Schweickardt, Sônia Lemos, Fabiana Mânica Martins, Denise Bueno, Maria das Graças, Frederico Viana Machado, Márcio Mariath Belloc, Karol Veiga Cabral, Daniela Dallegrave.**

Conselho Editorial

**Adriane Pires Batiston** – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil;  
**Alcindo Antônio Ferla** – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil;  
**Àngel MartínezHernáez** – Universitat Rovira i Virgili, Espanha;  
**Angelo Stefanini** – Università di Bologna, Itália;  
**Ardigó Martino** – Università di Bologna, Itália;  
**Berta Paz Lorigo** – Universitat de les Illes Balears, Espanha;  
**Celia Beatriz Iriart** – University of New Mexico, Estados Unidos da América;  
**Denise Bueno** – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil;  
**Emerson Elias Merhy** – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil;  
**Érica Rosalba Mallmann Duarte** – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil;  
**Francisca Valda Silva de Oliveira** – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil;  
**Izabella Barison Matos** – Universidade Federal da Fronteira Sul, Brasil;  
**Héider Aurélio Pinto** – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Brasil;  
**João Henrique Lara do Amaral** – Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil;  
**Júlio César Schweickardt** – Fundação Oswaldo Cruz/Amazonas, Brasil;  
**Laura Camargo Macruz Feuerwerker** – Universidade de São Paulo, Brasil;  
**Leonardo Federico** – Universidad Nacional de Lanús, Argentina;  
**Lisiane Böer Possa** – Universidade Federal de Santa Maria, Brasil;  
**Liliana Santos** – Universidade Federal da Bahia, Brasil;  
**Luciano Bezerra Gomes** – Universidade Federal da Paraíba, Brasil;  
**Mara Lisiane dos Santos** – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil;  
**Márcia Regina Cardoso Torres** – Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro, Brasil;  
**Marco Akerman** – Universidade de São Paulo, Brasil;  
**Maria Augusta Nicoli** – Agenzia Sanitaria e Sociale Regionale dell'Emilia-Romagna, Itália;  
**Maria das Graças Alves Pereira** – Instituto Federal do Acre, Brasil;  
**Maria Luiza Jaeger** – Associação Brasileira da Rede UNIDA, Brasil;  
**Maria Rocineide Ferreira da Silva** – Universidade Estadual do Ceará, Brasil;  
**Paulo de Tarso Ribeiro de Oliveira** – Universidade Federal do Pará, Brasil;  
**Ricardo Burg Ceccim** – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil;  
**Rodrigo Tobias de Sousa Lima** – Fundação Oswaldo Cruz/Amazonas, Brasil;  
**Rossana Staevie Baduy** – Universidade Estadual de Londrina, Brasil;  
**Sara Donetto** – King's College London, Inglaterra;  
**Sueli Terezinha Goi Barrios** – Associação Rede Unida, Brasil;  
**Túlio Batista Franco** – Universidade Federal Fluminense, Brasil;  
**Vanderléia Laodete Pulga** – Universidade Federal da Fronteira Sul, Brasil;  
**Vera Lucia Kodjaoglanian** – Laboratório de Inovação Tecnológica em Saúde/LAIS/UFRN, Brasil;  
**Vera Maria Rocha** – Associação Brasileira da Rede UNIDA, Brasil;  
**Vincenza Pellegrini** – Università di Parma, Itália.

Comissão Executiva Editorial

**Gabriel Calazans Baptista**  
**Jaqueline Miotto Guarnieri**  
**Alana Santos de Souza**  
**Márcia Regina Cardoso Torres**  
**Renata Riffel Bitencourt**

Produção Gráfica

**Alyne Albuquerque**

Revisão

**Adrielle Fernanda Baldessim**  
**Jéssica Thomazini**

## FICHA CATALOGRÁFICA

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Pedro Anízio Gomes - CRB-8 8846

---

**B176q** Baldessim, Adriele F.; Ferigato, Sabrina H. (orgs.).

“O Que de Nós Tornaremos Público”: narrativas brincantes / Organizadoras: Adriele F. Baldessim e Sabrina H. Ferigato. – 1. ed. – Porto Alegre, RS : Editora Rede Unida, 2021.

30 p. (Série Interloquções Práticas, Experiências e Pesquisas em Saúde, v.17).

E-book: PDF.

Inclui bibliografia.

**ISBN** 978-65-87180-59-5.

**DOI** 10.18310/9786587180595.

1. Atitudes e Prática em Saúde. 2. Conhecimentos. 3. Educação em Saúde. 4. Narração. I. Título. II. Assunto. III. Organizadoras.

**21-3018054**

**CDD 614:353.6**

**CDU 613.86**

---

### ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

1. Medicina: Saúde pública / Medicina preventiva; Serviços de saúde mental.

2. Medicina: Saúde pública; Saúde mental.

---



*Esta é uma criação feita a partir do mestrado profissional em Políticas e Gestão em Saúde Coletiva defendido em fevereiro de 2019 nas dependências da Faculdade de Ciências Médicas, no departamento de Saúde Coletiva na UNICAMP - Campinas - SP . A dissertação completa está disponível no acervo de dissertações e teses da UNICAMP. Você pode encontrá-la por esta referência:*

BALDESSIM, Adriele Fernanda. **Dê que vocês brincavam?**: Uma cartografia sobre os brinquedos e brincadeiras de trabalhadores de um Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil localizado no interior de São Paulo. 2019. 151 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Mestrado Profissionalizante em Saúde Coletiva, Faculdade de Ciências Médicas, Unicamp, Campinas, 2019.

## O que de nós tornaremos público : uma narrativa brincante

O LIVREto que você tem em mãos é uma tentATIVA de fazer circular algumas memórias sobre a infância, colocando trabalhadores para conversar sobre si, falando mais e investigando o que passa despreziosamente pelo seu dia dentro de um “serviço de saúde”. Acreditamos que equipes são potentes, e que suas vozes precisam circular. Então, inventamos este LIVREto, apelidado de livrinho, pela possibilidade de inventar com as palavras, de termos todos um corpo brincante, e por entender que brincadeiras, jogos, o lúdico, é algo sério e que precisa de espaço para ser exercitado. Então, se tratamos nosso tema com tanto vigor, lançamos mão das perguntas feitas por nossas entrevistas, e brincamos também de escrever este texto. Ele segue livre. Segue lúdico. Segue agora te alcançando. Nós também entramos nesta: autoras, orientanda e orientadora. Foram em tardes regadas a café que estivemos dispostas a falar um pouco mais sobre nós fazendo-se saber boas histórias.

Gostaríamos de agradecer os participantes dessa pesquisa que toparam essa tarefa corajosa. Dividir um pouco de sua vida em uma pesquisa acadêmica não é lá muito típico. Logo, o que colhemos, e que fez surgir os capítulos que foram adaptados para este material, merece destaque e ao mesmo tempo, descrição, carinho, e muito respeito.

Para nós uma lembrança é quase um fato concreto. É lembrança. É confiança. É invenção. Falar é possibilidade de entrar dentro de si novamente. Possibilidade de visitar-se. É dar língua aos afetos e é colher os efeitos disso. Cabe, então, agradecimentos sinceros aos participantes dessa pesquisa e as usuárias, usuáries e usuários que fazem desse serviço de saúde, este centro de atenção psicossocial infantojuvenil, espaço tão aquecido, implicado e vivo.

Nossos depoentes tiveram seus nomes modificados e cada um deles escolheu para si como gostariam de serem chamados. O local de trabalho no qual fora feito o convite à participação para a pesquisa também não foi divulgado. O que interessa para nós não é o nome desses sujeitos, nem o local de trabalho, mas o convite sempre foi pela possibilidade de falar-rememorar, de habilitar-se, trazer uma experiência. Uma outra conexão. Tornar algo público para si e para o outro. E assim, quem sabe, descobrir, revisitar, dissociar-se de nossos engessamentos e rigidezes.

Ainda sobre a coletividade que sustentou e fez nascer este LIVREto, agradecemos a parceria que fez possível a concretização deste material: Alynne Albuquerque.

Citamos, também, o acesso às obras de Candido Portinari que trouxeram colorido e vida para este LIVREto. Para encontrar as obras do autor disponíveis ao longo deste texto, bem como outras produções, deixamos o seguinte link: <http://www.portinari.org.br/>.

A você, leitor, fica registrado o convite a lembrar de si.

do que brincava você?



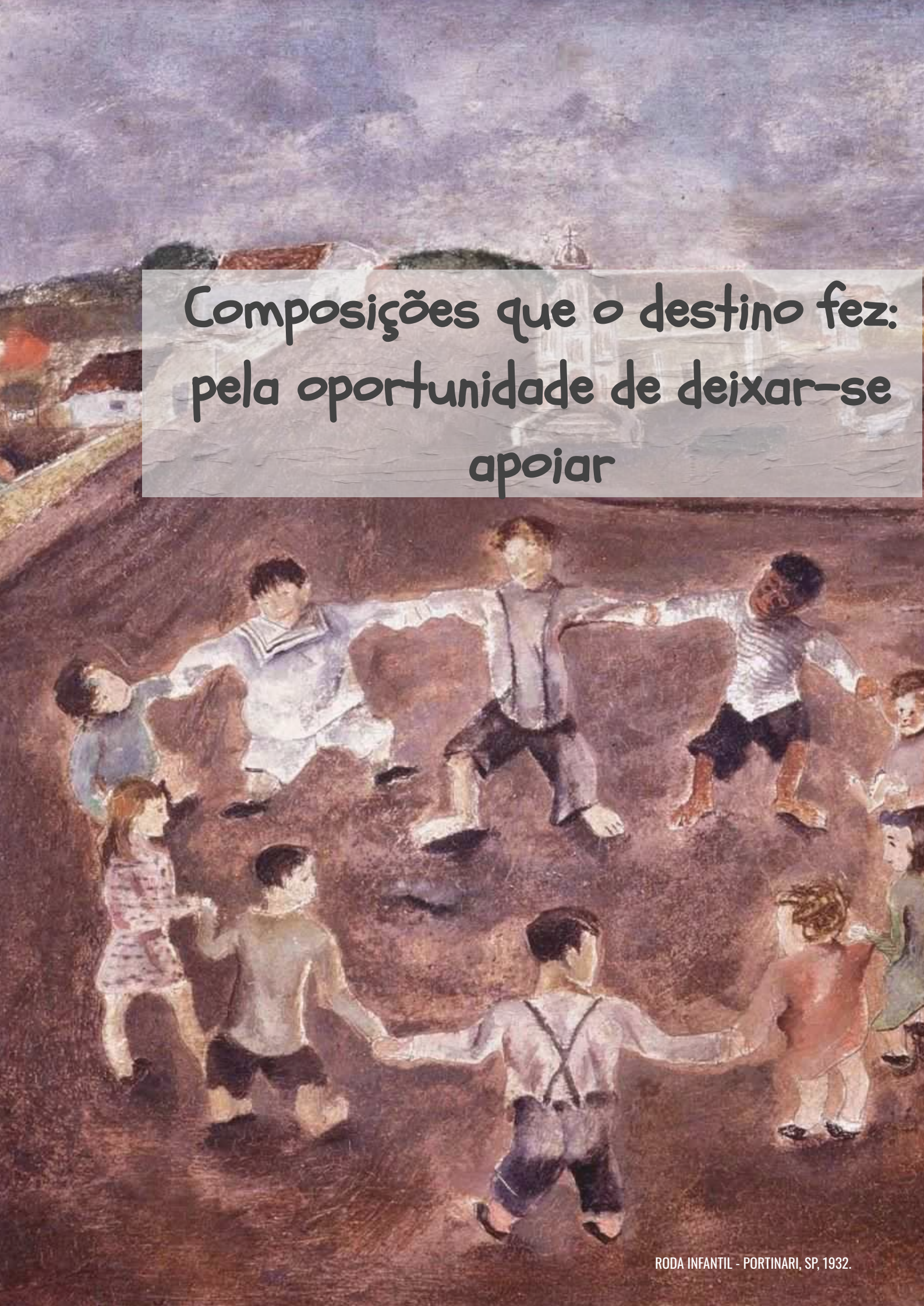
MENINO COM PIÃO - PORTINARI, RJ, 1947.

# ÍNDICE



Composições que o destino fez: pela oportunidade de deixar-se apoiar.....	5
“O que de nós tornaremos público”: narrativas brincantes.....	7
Limites, fronteiras, e regionalidades.....	10
Brinquedos de plástico, brinquedos inventados, brinquedos que marcam e “brinquedos de marca” .....	15
Duas ou três contribuições sobre o brincar e estratégias para ludicizar-se.	20
Referências bibliográficas utilizadas.....	26



The painting depicts a group of approximately ten children of various ethnicities and ages, holding hands in a large circle on a reddish-brown ground. They are dressed in simple, everyday clothing. In the background, a town with white buildings and a prominent church with a dome is visible under a cloudy, overcast sky. The overall style is expressive and somewhat somber, with visible brushstrokes and a muted color palette.

Composições que o destino fez:  
pela oportunidade de deixar-se  
apoiar

## Composições que o destino fez: pela oportunidade de deixar-se apoiar

Moveu-me à escrita do mestrado a ideia latente de que tínhamos muito a falar sobre nós. Nós, na labuta diária com meninos e meninas, no amplo campo da saúde mental infantil, falávamos timidamente de como esse nosso trabalho valoroso, duro, e ainda assim apaixonante, dispara sem controle a possibilidade de lembrarmos de nós. Daí, coloquei-me a pensar: como fazer?

Foi escrevendo sobre mim, e na leitura do que era meu processo de trabalho como psicóloga que escorrega, quase sempre quase caindo, pelos corredores do CAPSIJ (centro de atenção psicossocial infantojuvenil) onde trabalho que me dei conta de que um mestrado era um possível canal de expressão sobre o brincar e os processos de resgate e lembrança. Dentre uma clínica cheia de tintas, pernas de pau, brigadeiro e muita pipoca, coloquei duas amigas a pensar comigo como fazer. Feita a elas a função de me ajudar a acreditar, mergulhamos juntas nesta minha ideia e fui, então, convocando outras forças pensantes para embarcar nessa rota, na aposta de que descobriríamos o roteiro durante o trajeto.

Apoiada por tais companhias e companheiras, fui fazendo escolhas e trazendo mais cabeças pensantes para que não ficasse, como nunca fico, sozinha no modo como penso que deve ser a Saúde Pública de gente pequena, média, e grande, os usuários de zero a inúmeros anos que estão pelo nosso serviço... O mundo-mistura. Os trabalhadores com quem conversei estão aqui misturados, as pessoas atendidas por nós, as crianças que todos fomos um dia, também. Escrita também fruto de mistura, nada fiz sozinha. Não poucas, mas várias vezes, o texto que você lê passou também pela leitura criteriosa de um número grande de pessoas, estava aí também a oportunidade para que eu pudesse pedir, e receber ajuda.

Dentre as muitas escolhas que um mestrado pede que sua autora faça, escolhi por compor, portanto. Como numa dada música, tive a generosa companhia de muitas dúvidas, e apoio de parceiros os quais não posso deixar de dizer. Cabe a mim reconhecer que estranho seria ser autora deste LIVREto sem reconhecer que sou a ferramenta de escrever, apenas. O que cabe ao meu corpo: ser mão (e o corretor insiste dizer “ser mãe”) que digita e cognição que veicula ideias. Este trabalho, sem sombra de qualquer dúvida, jamais foi meu, apenas.

Lá vou eu, então, apresentar o que estará ali logo a seguir. Começamos lá naquela manhã no apoio entre amigas. De lá para cá, via-me às voltas com a possibilidade de tornar o texto que estava a produzir tomar o corpo de um artigo e só. Não estava feliz. Convivia com colegas de mestrado e suas criações visuais, seus produtos e produções que jamais ficariam confinados a forma texto tão querido pelo mundo pouco sensual e dialógico das agências de fomento à pesquisa brasileira. Jamais me interessou fazer nascer uma dissertação que coubesse apenas na forma de um artigo. Como jamais me interessou que um mestrado profissional tivesse o malogrado destino de estacionar em uma biblioteca e lá empoeirar-se. Pois fomos lá, mergulhadas nestas inquietações, criadora, orientadora e criatura, e fizeram existir este material, daí nascera este LIVREto.

Logo mais, em três porções de texto está aí o material confeccionado. Escolha você o seu jeito de ler. Este é um material para ser tocado pelo prazer, não pela obrigação de estudar. Te convido, vai lá: desfrute!

**Adrielle F. Baldessim**



“O que de nós tornaremos público”: narrativas brincantes

## “O que de nós tornaremos público”: narrativas brincantes

Quando nos encontramos, esta sagitariana e esta psicana, logo, dotadas de uma certa disposição à aventura sem abrir mão de imensa sensibilidade, tentamos empreender o nosso modo de experienciar a cartografia ao fazer transformar uma conversa em conteúdo-texto. Escolhemos contar o que nos contaram utilizando o próprio modo de narrar de nossos participantes. Então, alguns trechos apresentam conteúdos que são blocos de falas literais.

Revisitando nossas entrevistas, página a página, encontramos um grande memorial de brincadeiras que já não são conhecidas, não sabemos se ainda existem em alguma rua, viela, ou roçado de nosso país. Escolhemos pela mistura, uma escrita que era quase como se estas pessoas que trabalham juntas tivessem mesmo brincado umas com as outras pelas esquinas da vida. Certamente, pelos corredores do serviço elas brincam. E não brincam também as crianças que elas foram um dia quando os adultos se encontram?

Aos nossos olhos saltaram três grandes temas que se alinhavam às diferentes histórias de vida que aqui estão. Esta também é uma forma quanto ao notar e anotar este texto. De diferentes modos Lia, Branco, Sonhadora, João, Valéria, Amy Adams e Clarice nos disseram como viveram suas brincadeiras e contribuíram para iluminar brincadeiras que já não fazem parte do repertório brincante dos usuários de qualquer CAPSIJ de Campinas, ou do cotidiano de qualquer munícipe de Campinas. Qual criança desta cidade urbana experiencia sua infância brincando em uma voçoroca como fez Lia, por exemplo?

Então, faremos assim: trazemos os trechos das entrevistas que abrigam o brincar de diferentes épocas, territórios e diferentes formas de existir e produzir cenários lúdicos. Monta-se, assim, as marcas de um certo mapa. De Valinhos à Minas Gerais, da zona Leste de São Paulo à Araraquara, passamos por Santos, Pernambuco, e outras cidades do interior de São Paulo.

Clarice pergunta em um de nossos encontros: O que aquela cidade me oferecia? O Jardim das Margaridas, “Z/L da capital”, abrigo da nação Corinthiana, trazia a ela o cotidiano de menina pobre. Enquanto Minas Gerais e a pequena Divinópolis trazia a bicicleta e a possibilidade de exercer a liberdade. Fomos pensando que um mapa concreto se conectava as nossas histórias. Marcado estava um tópico: *Limites, fronteiras e regionalidades*.

Em outro momento, durante a entrevista de Sonhadora, escutamos falar sobre brincadeiras inventadas e brinquedos “de verdade”. Com o termo “brinquedos de verdade” resolvemos abrir este diálogo e criamos uma outra conexão para a história de Sonhadora e a dos demais participantes. Surgia, então: *Brinquedos de plástico, brinquedos inventados, brinquedos que marcam e brinquedos de marca*.

Também refletimos sobre a possibilidade de traçar planos de diálogo entre as lembranças e o exercício criativo, a brincadeira, para dentro do serviço. Sabendo que este processo não é tão simples, como bem fala Lia, “Questão difícil, hein!” Escolhemos por trazer algumas dessas reflexões feitas como um tentativa de precisar e restituir à saúde coletiva o que produzem as equipes de saúde quando fazem o exercício de pensar mais livremente. Notamos que estávamos encontrando sujeitos de diferentes idades, homens e mulheres, de diferentes núcleos profissionais, graus de escolaridade, diferentes experiências sobre o brincar e que falavam sobre como brincar é uma experiência lúdica, e também um instrumento de avaliação psicológica.

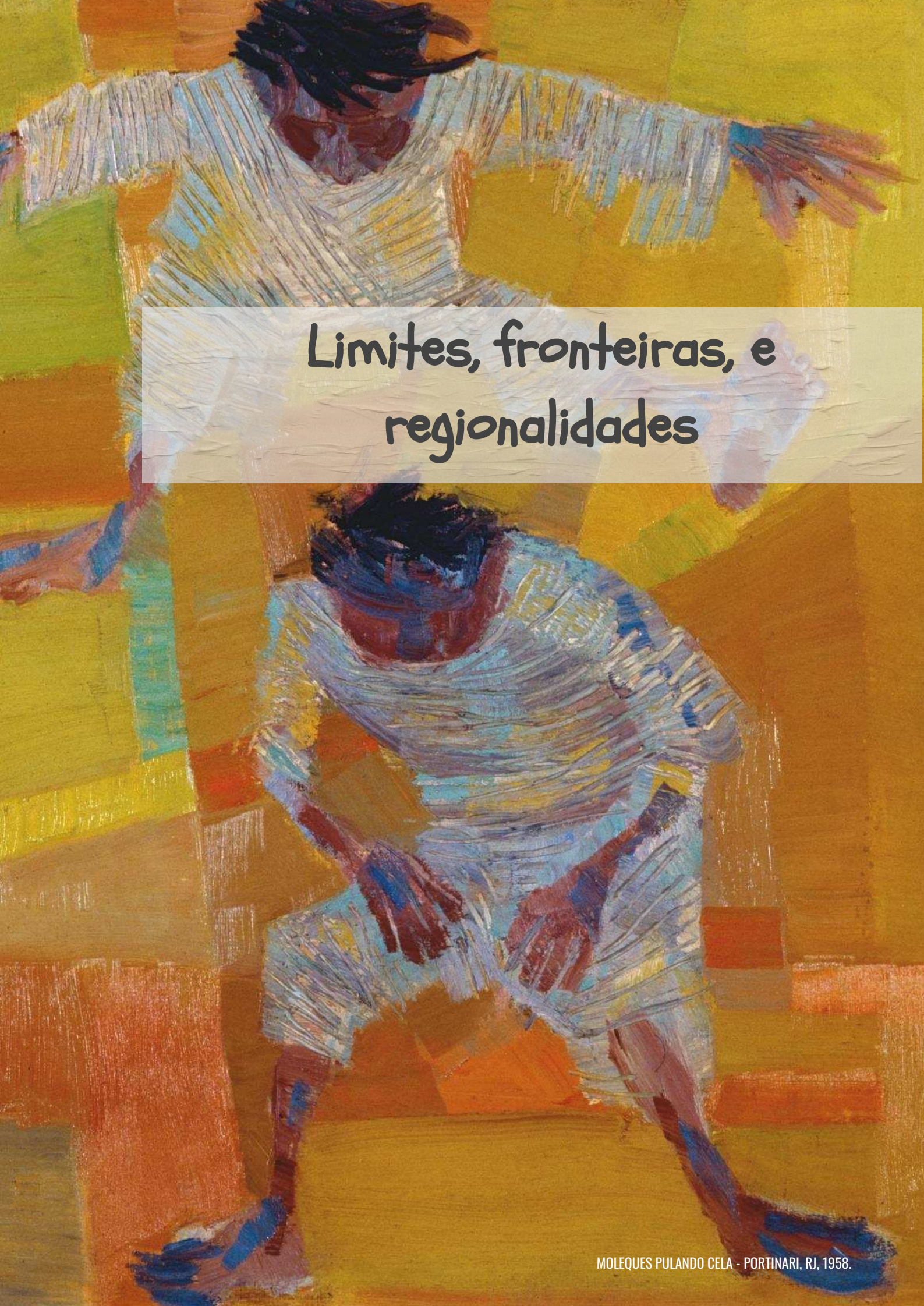
Notamos que as entrevistas diziam sobre diferenças e aproximações no que se refere ao próprio processo de trabalho de cada um. Encontramos, então, a possibilidade de acompanhar processos singulares e passamos a nos perguntar: o que pode produzir uma pesquisa? Em alguns momentos parecia que pesquisar, e colher essas histórias, ofereceria algum alimento para acreditar que a criatividade é a ferramenta para enfrentar práticas mais engessadas no campo da saúde.

Não ouvimos as histórias de uma vida de meros atores/espectadores de uma certa clínica dentro da esfera tão ameaçada pela onda conservadora pela qual vive o nosso país e que em muito abala a saúde mental que se faz alinhavada a Luta Antimanicomial. Estávamos posicionadas para deixar-se apreender sobre outros modos de pensar o trabalho partindo da ludicidade como dispositivo. Por isso, por acreditar na potência de criar e pensar sobre si, narrar-se, que escrevemos o *duas ou três contribuições sobre o brincar e estratégias para ludicizar-se*.

Expliquemos o porquê deste título. O que de mim quero tornar público? - um participante começou a falar e de pronto fez esta pergunta. Com algum espanto e sem deixar a pergunta passar demos destaque a ela. Seria possível criar linhas de comunicação entre o que nos habita intimamente e o que consideramos mostrar? O que é público e para algum público? O que e quando privar algo? Seria sempre uma escolha tão clara? Naquele momento o título estava criado.

o que de si você quer tornar público?





Limites, fronteiras, e  
regionalidades

## Limites, fronteiras, e regionalidades

João, Clarice, Branco, Valéria, Amy Adams, Lia e Sonhadora. Todos eles emprestam um pouco do que viveram para nos contar como poderiam, em nossa invenção, terem se encontrado quando crianças. Ao colher suas histórias fomos descobrindo a existência de um certo território geográfico e também afetivo<sup>1</sup>. Foram e são moradores de Campinas, tendo crescido em Araraquara, Pernambuco, Valinhos, Casa Branca, Santos, São Paulo e outras cidades do interior do estado de São Paulo. Como sugere Fonseca (2017), é notável a existência de conectores distintos na tentativa de traçar limites e proximidades entre um determinado grupo. Assim, remanejam-se experiências, constroem-se identidades, mapas que se movem na companhia da substância da memória. Para dois dos entrevistados, por exemplo, a memória transforma, como cita João, ou desintensifica, como narra Branco.

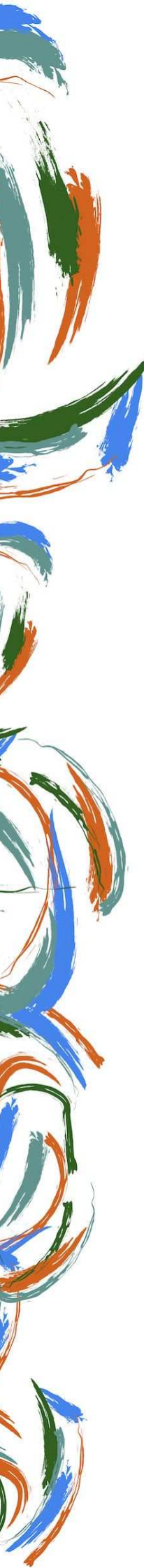
No exercício de provocar encontros pelas vias das experiências coletivas cabe retomar parte das entrevistas realizadas na procura por pontos com os quais podemos dialogar. Em uma delas, Branco, como quer ser chamado um dos entrevistados, viveu intensamente, quando ainda criança, o cotidiano de uma cidade localizada no interior de São Paulo. Nesta cidade, município no qual o programa do governo federal - PROALCOOL - fez investimentos maciços, o participante experimentava as paredes quentes de sua casa, aquecidas pela chama do canavial ardendo pelo fogo. Sobre suas brincadeiras, diz:

“Hoje eu percebo que, na verdade, tudo que está posto como questão, já era posto naquela época. E, no mínimo, as brincadeiras puseram todas as questões”. [...] E, as brincadeiras nascem da rua, nascem assim [...]”.

Vivendo sob efeito de um determinado sistema econômico datado da década de 90 e que acentuava a produção de etanol no centro-oeste paulistano, as brincadeiras colocadas ali viveram o efeito desta economia, dentre outros atravessamentos. Era, por exemplo, contra o time da usina de processamento de cana que o garoto e seu time podiam jogar bola. E o que faziam se, no dia da disputa para o campeonato amador, amanhecia chovendo? “Eu me lembro que todo mundo começou a desenhar sol! [...] O que vai ser da gente!”. João traria a resposta: “Criança inventa!”. E quem diria que não é isso mesmo?

<sup>1</sup> Território como aponta Quarentei (1994, p. 26-27), território intensivo, existencial, potência e matéria de criação, expressão de modos de existir, de novos começos e da própria fabricação de mundos [...]. Ainda que caiba pensar, também, a noção geográfica de território ou as dimensões sanitárias, tão caras à saúde coletiva, para esta pesquisa não entraremos em profundidade nestes tópicos. Fica delimitada apenas a noção existencial, trazida pela autora citada, quanto ao uso do território, que é a que parece responder às nossas expectativas para o atual bloco.





Se para Branco as traquinagens tinham os limites colocados por Dona Vida, sua avó, para João as peraltices se encontravam pelas redondezas da Escola Murilo Braga localizada em Jaboatão dos Guararapes/PE. Foi no caminho por esta escola que João, como um cartógrafo de olhar atento ao seu percurso, arranhou para si aulas de piano com uma moradora da redondeza. João lembra: “não existia risco, nem nada! [...] A nossa rua era particular!”. Para brincar, contrariando as ordens de sua irmã, o garoto pulava a janela e se jogava na rua - “Acho que ela não sabe dessa história até hoje!”.

Em Pernambuco era possível uma outra relação com a rua. Mais trânsito. Mais arte. Mais CRIANÇAS. “Teve uma época que a gente inventou de fazer caça ao tesouro”, diz. João aponta, também, quais os impactos da televisão em sua família e na vizinhança:

“Uma coisa interessante também é que na época não tinha televisão no Brasil... estava começando a chegar. Na minha rua lá, [...] tinha quatro pessoas que já tinham televisão em casa. Quando chegou essa novidade de televisão a gente brincava até umas dez horas da noite e depois ficava na casa desse pessoal que tinha televisão [...]. Então a televisão acabou tirando a gente da rua.”

No enamoramento com a rua, com a invenção, com os experimentos lúdicos distantes da televisão, Sonhadora e João se cruzam em suas lembranças. Nesse encontro entre infâncias conectadas, ainda que distantes em tempo e distância, Sonhadora trás suas experiências como alguém que cresceu em um território de sítios e chácaras.

A participante fala sobre como foi ser uma criança de pele preta que cresceu em cidades pequenas na região de Campinas. A profissional de apoio e da organização de uma empresa terceirizada que presta serviço para um CAPSIJ, destaca as brincadeiras inventadas no roçado de milho com galhos e folhas, e que logo se tornavam brinquedos. Ainda que cumprindo a função de dar solidez ao mundo de suas fantasias, para ela, não seriam “brinquedos de verdade”.

Da vida de criança que brincava de cuidar dos irmãos e que, ainda criança, brincava de trabalhar e trabalhava brincando, Sonhadora traz um colorido diferente a este trecho. Desprende-se da narrativa, embaralha a vida de criança com a vida com crianças, sai fora do eixo, como ela mesmo diz e, desse modo, explica a nós que é assim, saindo fora do eixo para dentro do CAPSIJ que a trabalhadora tem conseguido brincar. Da sua alegria, marca constante de sua entrevista de quase 1h10min, fica aquilo que transborda e toca, como tocou no dia da entrevista, a trajetória dos meninos e meninas usuários do CAPSIJ no qual ela trabalha. Nota-se que essa entrevista guarda em si pequenas particularidades que a escrita não expressa em sua forma e riqueza. No campo de forças que marca o mapa entre cidades, limites, fronteiras e transversalidades, que estamos aqui a fazer, Sonhadora se descreve como alguém que estava procurando um trabalho como o que tem hoje e que achou sem saber que estava a procura de algo como o que faz agora.



A entrevistada, longe de trilhar um caminho cartográfico de forma intencional, o faz do ponto de vista experimental. Notamos, quando também somos atravessadas por suas lembranças, que estávamos diante de uma descoberta preciosa. Lembrávamos, então, do advento da serendipidade<sup>2</sup>. Sonhadora, tal como os príncipes que dão nome à lenda dos três príncipes de serendipie, encontra seus tesouros a partir dos acasos da vida e dos olhos atentos a reconhecê-los.

Ao conectar narrativas e intercambiar experiências para narrar, como cita Benjamin (1987), outros movimentos geoterritoriais se lançam na esteira do que diz Sonhadora e das cidades pequenas que abrigaram experiências, trajetos e trajetórias. Então, Clarice liga-se, tal como Sonhadora, à natureza, e assim misturamos ambas as infâncias. Da metrópole paulistana às pequenas cidades de Minas Gerais: de Delfinópolis à São Sebastião do Paraíso. Da infância no quintal da dona Luiza, Clarice conta das vezes em que explorava o quintal ainda que sob o risco de enfiar o pé em um prego como bem o fez e corpo-brincante, aquecido, não sentiu. Nesse território, ainda na capital paulistana a entrevistada relembra as brincadeiras de garota advinda da família com poucos recursos financeiros que colhia da vizinhança objetos para ludicizar seu cotidiano, no bairro pobre e de nome poético, Jardim das Margaridas.

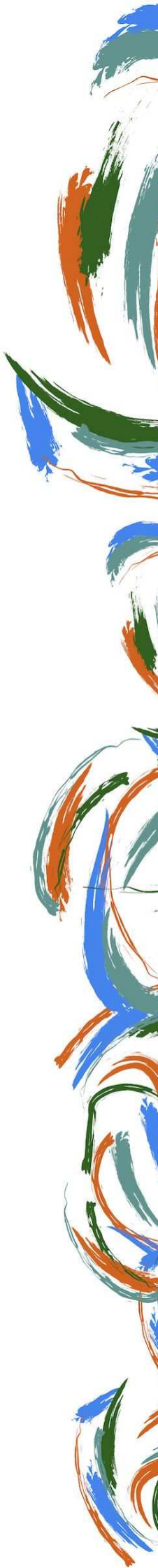
Clarice fala sobre ter vivido a brincadeira de forma inventada, não a brincadeira de brinquedo comprado. “Eu me lembro da gente brincando, mas brinquedo quase nada”, conta. É na mudança para Minas Gerais, na pequena Delfinópolis, cujo espaço geográfico comportava 7 mil habitantes na época que Clarice cita, com um respiro que a digitação deste texto não comporta narrar, “Tinha espaço ali!”.


Estava aí o que marca o trajeto geoterritorial desta entrevistada. Clarice traz, não em um mas em vários momentos de sua entrevista, as marcas de uma infância livre. Livre como também eram as bolas que eram atropeladas pelos carros para comoção da garotada do bairro.

“Essas mudanças de cidade mudam tudo, né. Mudam o contexto, toda a rede... tudo! De São Paulo eu não consigo nem imaginar! De Delfinópolis eu consigo imaginar um pouquinho. Se eu tivesse continuado lá como seria minha vida. De São Paulo não. De Paraíso também...”.

---

<sup>2</sup> Lacaz-Ruiz menciona que este termo surge durante a troca de cartas entre Horace Walpole (1717-1797) e Sir Horace Mann; estes relatam um conto chamado "Os Três Príncipes de Serendip" (ou Serendib, o antigo nome do Ceilão, atual Sri Lanka), que sempre descobriam coisas ao acaso. Lacaz-Ruiz (1997) conta que os três príncipes foram convocados por seu pai para comparecer ao leito de morte deste. O rei os avisa que um nobre tesouro está enterrado em suas terras, muito próximo da superfície. Os filhos então passam a cavar a terra remexendo-a incessantemente sem sucesso para com a nobre fortuna, mas, por um bom período nunca houveram terras tão férteis naquele reinado. Conta-se, então, que a palavra *serendipite* nasce justamente de descobertas feitas ao acaso em homenagem aos príncipes que procuravam o tesouro e encontraram colheita abundante. Segundo o autor, vários outros adventos podem ser conceituados como serendipidades, como é o caso da descoberta da penicilina, ou até mesmo da sucrilhos *corn-flakes*, descobertos após os irmãos Kellogs esquecerem milho no forno em 1848, temos também Charles Goodyear que após deixar borracha escolar cair na frigideira descobriu a borracha vulcanizada.



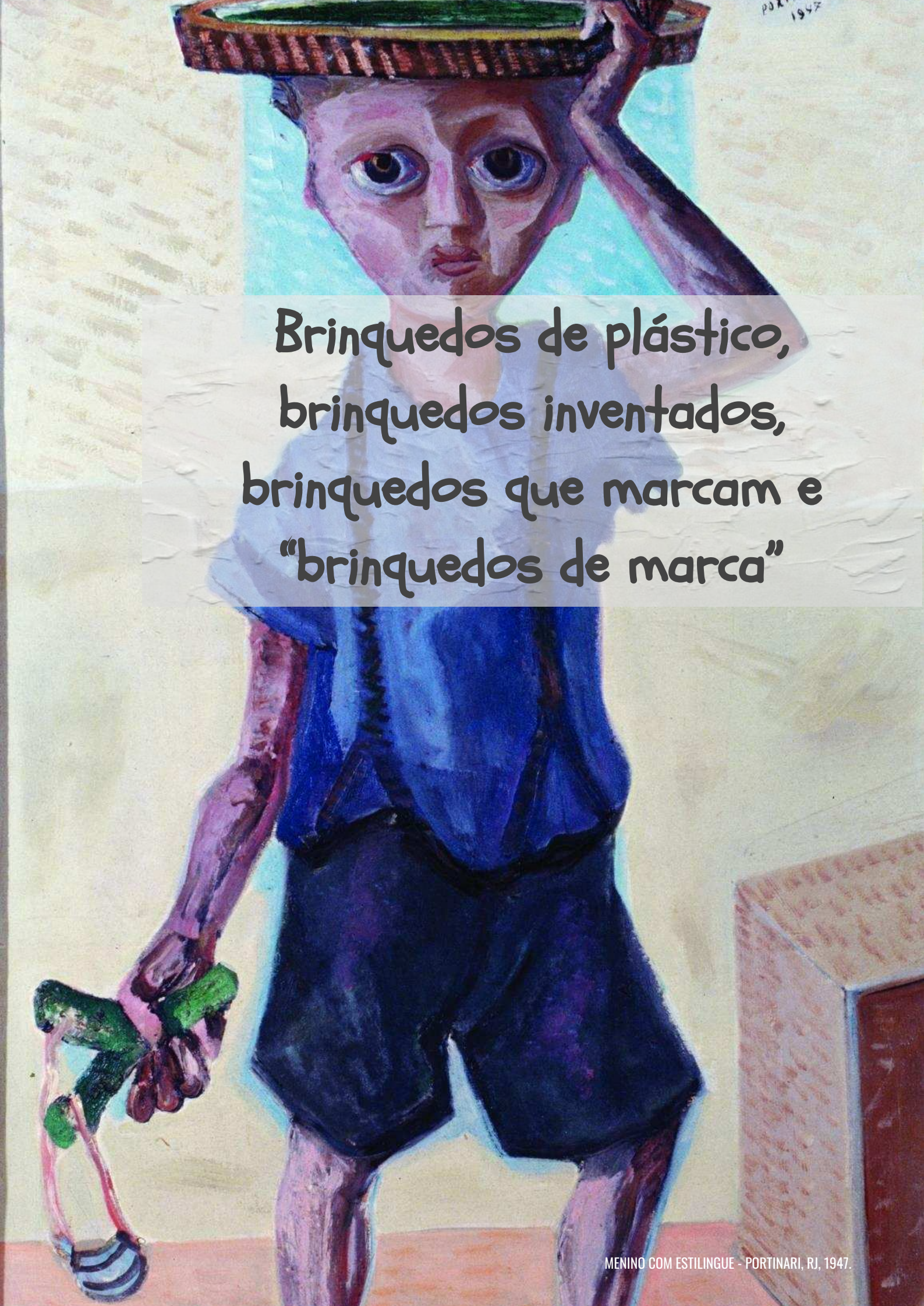


Outra marca em sua infância diz sobre um dado concreto: Clarice precisava muito de óculos. Ainda que o corpo esteja para o brincar como abrigo de energia, instrumental e experimentação, comporta, também, possíveis impedimentos à criança que necessita de outros instrumentos. Para Clarice, por exemplo, as brincadeiras com bola, aquelas em que ela poderia bater a cabeça, ou mesmo as brincadeiras com água eram mais difíceis devido ao alto grau de miopia. “Na água eu era muito limitada também”, cita. Cabia, então, a dedicação junto aos jogos de carta. Novamente, cabem as palavras de João: criança inventa!

No que toca a liberdade, a geografia, e a semelhança entre as trajetórias brincantes aqui colocadas, Lia também cita que foi bastante livre em suas brincadeiras. A morada de sua infância fala sobre alguém que cresceu em Santos, cidade praiana do litoral paulistano. Cabia à família numerosa, e que caminhou por diversas cidades, a possibilidade de brincarem em uma voçoroca, que é uma espécie de lamaçal.

Outra brincadeira narrada por Lia e por praticamente todos os entrevistados é o famoso Bétis ou Taco. Brincadeira que se infiltra na territorialidade e nos recortes etários, como também se faz presente no cotidiano dessas autoras. Ainda que Valéria e João tenham idades completamente díspares, esta brincadeira perpassa todas as idades, contextos e regionalidades. Assim, fechamos este bloco aquecidas pela pergunta feita por Lia:

“Será que as crianças fazem o que eu fazia quando eu era criança?”



Brinquedos de plástico,  
brinquedos inventados,  
brinquedos que marcam e  
“brinquedos de marca”

## Brinquedos de plástico, brinquedos inventados, brinquedos que marcam e “brinquedos de marca”

Com Ecléa Bosi (2003) iniciaremos este trecho. Para a autora, a casa onde se encontra uma criança é recheada de coisas preciosas impossíveis de precisar em valor. São elementos modeláveis que dizem sobre quem fomos um dia e assim entramos nos diversos universos infantojuvenis presentes no ambiente doméstico. Nos parece que a participante Amy Adams entra em diálogo com as análises de Ecléa, assim como outras participantes que trazem o universo das bonecas. Por entre bonecas feitas de milho, nas bonecas emprestadas de vizinhos, ou pelas *Barbies* guardadas até hoje, como narra Amy Adams, que começamos a tocar no universo dos brinquedos de marca como também naqueles brinquedos que provocaram marcas na trajetória dessas e de tantas outras garotas

Para Brougère (2010), autor francês e tão distante do que produzimos aqui, mas efetivo pensante a nos acompanhar, os brinquedos comportam, também, a possibilidade de tocar em códigos culturais e sociais. Nota-se, por exemplo, as diferenças estéticas entre brinquedos de menino e de menina, além dos brinquedos que a população pobre jamais poderia acessar. Retomando nossas entrevistas, encontramos a morada dessa questão ao traçarmos uma fina linha que toca neste tema. Podemos ver que as mulheres, cinco ao todo, apresentam bonecas como uma brincadeira, mas marcam, logo em seguida, se gostavam ou não delas.

Sobre as misturas provocadas pelas grupalidades infantojuvenis que brincam, João relata que todos brincavam juntos. O que nos chama a atenção não é a mistura ou a separação entre gênero e brinquedos, mas o modo como as entrevistadas lançam, logo em seguida a trazer uma boneca à cena, que não é natural que meninas gostem de bonecas. Como diz Valéria “*eu achava meio um saco!*”. Ainda assim, frente às *Barbies* trazidas pela amiga que gostava da famosa boneca e ela não, também se colocava outro arranjo. Por gostarem da natureza, ambas fantasiavam que eram biólogas, brincando em jardins, enterrando bichinhos, ou mesmo fazendo misturas com folhas que hoje Valéria nomeia como “extratos”.

Há também outros trechos nestas entrevistas que chamam nossa atenção. São os “*jogos mais eletrônicos e de cunho virtual*”, como cita Branco. O entrevistado fala sobre *Donkey Kong*, *Mega Drive*, *Nintendo*, *Barbies*, *Ken* e brincadeiras de tabuleiros. Na esteira deste tema, João insere uma questão capciosa. Desvela que há no brincar e nos brinquedos um certo cotidiano em disputa: inventar, comprar, criar, fantasiar e também, *status!* Em suas lembranças,

“[...] tudo era de plástico. Não era brinquedo criado pela gente, já foi fabricado. Mas a gente sempre foi de fazer. Fazia patinete. Carrinho a gente fazia tipo assim: juntava lata de leite, enchia de areia, juntava com um arame, fazia um cabresto e juntava uma na outra, várias! E quanto mais se tinha, mais você tinha é, como que se diz? Status!”.

Ao retomar o trecho trazido por João, um grato autor faz surgir algumas de nossas inquietações. Walter Benjamin (2009) nos remete ao equívoco que é acreditar que o brinquedo faz disparar a imaginação e alerta que o que acontece é exatamente o contrário. A criança constrói uma desterritorialização do brinquedo e faz surgir outra coisa ali:

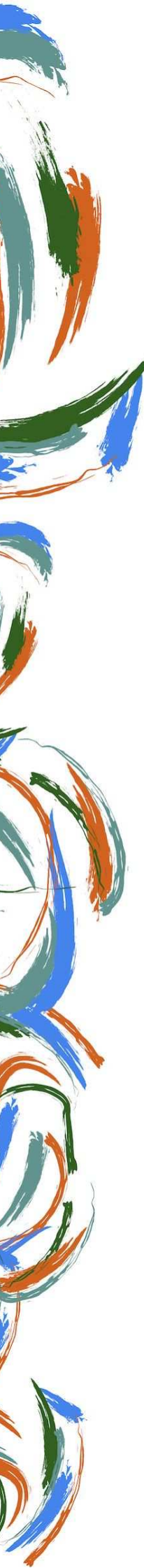
Pois quanto mais atraentes, no sentido corrente, são os brinquedos, mais se distanciam dos instrumentos de brincar; quanto mais ilimitadamente a imitação se manifesta neles, tanto mais se desviam da brincadeira viva. (BENJAMIN, 2009, p. 93).

Aquecidas por brincadeiras que ainda se apresentam de forma bastante viva ao retomar algumas histórias, encontramos um campo habitado por paradoxos. Se temos o cotidiano marcado por brinquedos comprados, temos também um outro aspecto que são os brinquedos feitos com restos, com aquilo que sobra do mundo dos adultos. Amy Adams conta sobre sua coleção de *Barbies* e trás também do tal “elástico”. Exercício muito comum, o elástico, também foi uma brincadeira bastante presente no universo dos anos 90. Nas histórias de Amy também existiam as brincadeiras com massinha, bichinhos de pelúcia e as famigeradas *Barbies* que habitavam as histórias de vida desta entrevistada. Amy fazia das *Barbies* o catalizador para inventar estórias, fazendo caber personagens que trabalhavam muito, como ela diz. Personagens que tinham carros e casas, que faziam faculdade, e que na companhia de sua tia e amiga à época, manuseavam esse brinquedo de marca para marcarem elas mesmas as suas lembranças.

Nota-se outro ponto importante desta cartografia no diálogo com Benjamin (2009). Entramos, então, na discussão sobre o processo de industrialização do mercado de produção, venda de brinquedos, e gostaríamos de destacar a habilidade da indústria em sequestrar símbolos e fazer vender experiências lúdicas. No entanto, o lúdico como capital e venda, encontra, também, signos de resistência. Se uma dada *Barbie* ganha o brilho e o glamour da sociedade atual, evidencia, também, certa inclinação branca e loira. Traz destaques ao corpo magro e branco da boneca, faz denunciar, então, uma dada hegemonia de classe, e da destaque a pele clara. A criança, em sua condição de franca aprendizagem e criação, nota a boneca branca, quer ela também ser branca, como quer, também, inventar sob a frente branca e europeia da boneca, um mar de estórias criadas a partir de seu cotidiano. A *Barbie*, o *Pokémon*, o *Digimon*, o Tazo, brinquedos estes trazidos pela fala de Valéria, habitam uma marca, uma moda, e se fazem marcas que produzem marcas. Assim, abrem caminhos para a invenção de uma outra história, essa sim incontrolável pela indústria responsável por comercializar tais marcas. O objeto de plástico, então, é o que dá a concretude necessária para o nascimento de experiências e fazem surgir narrativas sobre si, criam modos para contar sobre a vida, e quem sabe, de cavar críticas como esta que fazemos agora.

Ao trazer a capacidade criativa, e os tais avatares situados nas brincadeiras de monstros como *Digimons* e *Pokémons*, outra participante faz conexão com a criação e aquilo que não se controla, a capacidade de criar saídas e invenções.





Lia retoma a capacidade criativa de uma criança “Criança que não tem o que fazer, arranja o que fazer!” Valéria introduz uma brincadeira-narrativa nova. Apresenta o que era sua adolescência mergulhada no universo dos FANFICS. Tais memórias fazem iluminar a frente da entrevistada. Assim, faz o convite para que, naquele momento, possamos acompanhar uma FANFIC em um aplicativo que ela acaba de encontrar em um aplicativo. Gerações e interesses interligados, foi falando de um desses FANFICS que mestrandas e entrevistadas encontraram ali um recurso para o trabalho de ambas. Aparece ali um recurso importante para nosso trabalho: um recurso terapêutico na tarefa de fazer falar o que ainda sobre si não encontrou caminho para ganhar a palavra como expressão. Como bem fala Valéria:

“Você me deu uma super ideia agora. Porque eu trabalho com um grupo de meninas. Aqui a gente tem um grupo de meninas e a gente meio que selecionou essas meninas por causa do que elas já viveram. Então, sei lá, algum relacionamento muito abusivo, ou alguma relação de muita dependência com algum garoto, ou com alguma garota e aí a gente fala sobre essas coisas, e sobre o machismo de hoje em dia e de sempre, enfim. E aí, nossa, eu poderia usar isso, né. Fazer uma sessão de FANFICS com todo mundo”.

Branco também traz a nós a possibilidade de diálogo com a atualidade. O psicólogo conta das aventuras de quem, com um grupo de meninos, inventou um time de *Hockey* e lá foram os garotos procurar restos de canos pela vizinhança na tentativa de fazer, artesanalmente, caneleiras. Plano naufragado, segundo ele, e que traz no bojo desta experiência, questões éticas e até mesmo morais ao vasculhar quintais alheios junto com a meninada da rua.

Aquecido por essa aventura, quando perguntamos sobre comportamentos que seriam hoje medicalizados, e agrupados em uma dada psicopatologia, o entrevistado relembra quais daqueles garotos e garotas da vizinhança, ou os andarilhos do bairro, seriam hoje “pacientes da saúde mental”. Apresenta, então, a capacidade inventiva da rua e a capacidade que também comporta acolher às diferenças. Assim, conhecemos o “Tranquilão” e o “Tempo lento” que eram dois moradores da cidade na qual cresceu Branco. “Tempo lento” é apresentado pelo entrevistado como o “louco” da cidade onde este cresceu. “Tranquilão”, por sua vez, era um morador de rua que acompanhava os jogos do time de futebol da cidade. Ambos estavam sintonizados aos fluxos da rua, e as práticas de convivência utilizando a brincadeira como instrumento.

Parece que a convivência urbana pela via da ludicidade tem sido apagada do espaço urbano. Assim como tem sido retirada dos “recreios” e dos “intervalos” escolares. Segue excluída de áreas públicas onde se lê, constantemente: “crianças: é proibido correr”. Então, lançamos mão de uma provocação: O brincar livre deve seguir apartado dos equipamentos de saúde?

Ao retomar o espaço da rua, Branco apresenta uma brincadeira que só notamos em sua narrativa: a salva. Brincadeira cuja existência encontramos apenas no território de Branco, sem registro em buscas no google, por exemplo, faz surgir uma aposta diferente na mistura com os meninos da região.

Além do que, a salva, aponta também uma dada disposição a cartografia, pois faz surgir o bairro, os meninos, a aposta no território.

“[...] é chamado de “salva”. Você dividia os meninos e meninas em dois grupos e, mas era... Era uma vizinhança marcada por meninos, não tinha muitas meninas eram muito poucas e eram muitos meninos e aí você dividia em dois grandes grupos e aí fazia uma cartografia do bairro assim e “pode até tal quarteirão, pode até a sorveteria e pode até lá o açougue lá em cima, tal tal tal”.

Quando essa brincadeira foi apresentada visualizamos um mapa físico, o que comporta um recurso cartográfico alado a geografia e a organização. Nossa atenção migrou para às ruas, às casas e praças, o olhar para aqueles que fazem da rua seu local de moradia. Então, para nós, crianças e adolescentes também poderiam ser protagonistas ao ocupar as ruas. Poderíamos aumentar seu grau de participação sobre as decisões políticas da cidade pois elas também vivem os efeitos das decisões tomadas pelos adultos. Como são, também, sujeitos que traçam espaços de comunicação com a diferença, dando suporte à loucura que vive e se abriga na rua, nos espaços escondidos da cidade.


Na narrativa de Branco, “Tranquilão” e “Tempo lento” eram moradores de rua daquela cidade cujo eixo econômico girava em torno das usinas e do PRÓALCOOL, e talvez eles não coubessem como trabalhadores de uma usina, e no que couberam quando foram crianças.

Ao encontrar estes dois sujeitos nas memórias de Branco, notamos uma inquietação, e assim finalizamos este trecho:

Como brincava a população de rua de nosso país?  
Quais equipamentos públicos acessaram ou não  
acessaram quando eram crianças e adolescentes?

Quais eram, ou ainda são, as brincadeiras  
protagonizadas por estes que chamamos usuários de  
crack e de outras drogas e que transitam por estes  
espaços criados pela cidade que chamamos de  
cracolândias?





Duas ou três contribuições  
sobre o brincar e estratégias  
para ludicizar-se



## Duas ou três contribuições sobre o brincar e estratégias de ludicizar-se

“Estava em uma discussão na sala de equipe, eu, mestranda, psicóloga de um serviço de saúde mental infantojuvenil, e autora do mestrado que deu origem a este texto e uma colega. Discussão dura, difícil, ela é quem está mais próxima deste caso – é a técnica que faz a referência como dizemos por aqui. A usuária, uma adolescente, nos coloca em cheque por diversas vezes em nossas tentativas de cuidar dela. Conversávamos um pouco sobre os desafios encontrados para o cuidado, para o diálogo com a rede de serviços que a acompanha. Também estava na cena o procedimento cirúrgico pelo qual passava esta usuária naquele momento, o tema da Vara da Infância e da Juventude e outras coisas. A conversa rolava séria. Não vislumbramos muitas saídas. A nossa frente, um objeto qualquer, um objeto qualquer para olhos pouco atentos, ou olhos que nunca tocaram o potencial de uma lembrança, uma experiência<sup>3</sup>, a nós, um objeto aberto à ludicidade. A colega, então, interrompe a discussão no meio de uma frase e rápido, alcança o objeto da mesa dizendo: “Olha, dá pra tirar foto! É uma maquininha fotográfica” – empolgada, simula que está a me fotografar. Naquele momento digo a ela como essa cena conversa com o momento duro pelo qual passávamos com esta adolescente e se conecta, também, aos temas levantados para este mestrado. Então, disse a ela que gostaria de escrever o que via ali no texto de minha pesquisa e assim o fiz. O que me toca foi o acontecimento, a convocação que um objeto, desprezioso e solto, a sequestrar nossa atenção. Assim, uma brinquedo canalizou sua imaginação! A imaginação dessas duas “adultas”. Ludicizamos nosso cotidiano, e em uma piscada encontramos um jeito de não sucumbir e está feita uma saída para cuidar de nós”.

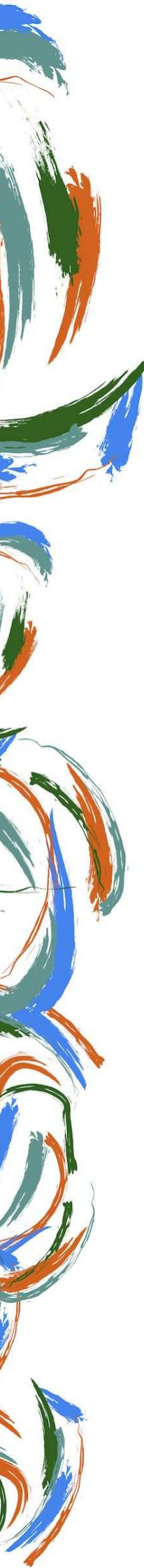
Trazemos esse trecho e por ele daremos início a esta última tarefa. De saída, salta as nossas “intensões” que estávamos procurando por momentos que ajudassem na tarefa de cuidar de si. Cuidado dos muitos nós, e dos nossos “nós”. Ao realizar a leitura deste material fica a tentativa de tornar a ludicidade, a brincadeira, os brinquedos, as invencionices infantojuvenis como um campo no qual desfilam corpos brincantes. Impossível não pensar no carnaval, este infinito lúdico que é brincar de dar corpo as fantasias, que é fantasiar por alguns dias, quase como uma licença lúdica para adultos. Corpo-brinquedo. Rua-brincante. CRIANÇAS... e assim, seguimos.

Lia, por exemplo, diz de como seu pai fazia com ela “o relóginho”. Pegando a menina pelos pés, a agitava como um pêndulo, cria o corpo a possibilidade de vestir de outros ângulos e de cabeça para baixo, a criança se agita. Corpo que também brinca de “papelzinho”. Brincar de papelzinho, brincadeira mais atual, é dobrar uma folha em uma dobradura e em cada aba, escreve-se algo.

---

<sup>3</sup> Experiência como abertura para que algo lhe aconteça, como ensina Bondía (2002), “O sujeito da experiência é um sujeito “ex-posto”. Do ponto de vista da experiência o importante não é nem a posição (nossa maneira de pormos), nem a “o-posição” (nossa maneira de opormos), nem a “imposição” (nossa maneira de impormos), nem a “proposição” (nossa maneira de propormos), mas a “exposição”, nossa maneira de “ex-pormos”, com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e de risco. Por isso, é incapaz de experiência aquele que se põe, ou se opõe, ou se impõe, ou se propõe, mas não se “ex-põe”. É incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada o toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre”. (BONDÍA, 2002, p. 24)





Brincar de papelzinho exige que estejamos em uma dupla, ou em mais pessoas. O sujeito que brinca contigo escolhe um número e conta-se o número no abrir e fechar de dedos. Quando a contagem acaba, você deve abrir aquela aba. E assim se faz uma revelação sobre a vida da pessoa que anunciou o número. Uma dessas autoras, por exemplo, quando criança, tinha nessa brincadeira a certeza de que ali estava seu futuro a depender do que o papel “adivinhou”. Lia também cita as brincadeiras “cada macaco no seu galho”, “bafo”, “cilada”, “queimada”, as brincadeiras de roda... Fala de como crescer foi responsabilizar-se. Diz, também, da escola de seus filhos. Para ela, a unidade de ensino investe na convivência, na ludicidade. Lia, então, pede que façamos esse resgate, o lugar potente da escola nos processos lúdicos.

Em sua entrevista está também um desses momentos de conexão com histórias e momentos de vida. Quando dissemos a ela que jamais imaginamos que todas essas experiências caberiam no corpo daquela médica, da psiquiatra que ali estava e que por vezes parece mais séria, a entrevistada se emociona:

Lia: Ah, com certeza os meus filhos devem achar que eu sou super brava e ... (emocionada e rindo).

Adriele: (risos) É. Eu vou gravar o áudio, eu mando pra você e você manda pra eles pra quando eles forem adultos.

Lia: (risos) Verdade! Quando eles tiverem adultos eles vão ver “olha...” Adriele: “... achavam que eu era rígida, mas olha só”...

Lia: (risos) Isso é legal! Legal mesmo! Porque aí a gente vai ver isso quando forem, sei lá, quando eles tiverem a minha idade, ouvindo a minha história, né.

Adriele: É. Será que ainda vão ter áudios quando eles tiverem?

Lia: Será que vão ter memória pra lembrar disso? (risos)

Adriele: Espero que a tecnologia não mude isso né.

Lia: Verdade! Verdade! Foi bem legal! (...).

Valéria, na continuidade das reflexões sobre o trabalho permeado pelo brincar acredita que o que se coloca, em sua experiência brincante para dentro do CAPSIJ, é a condição de quem brinca para a criança e não com a criança. Essa mesma participante traz a inquietação e a descoberta de quem vislumbra acessar um material de sua história para trazer ao CAPSIJ, como os FANFICS, por exemplo. Soa, então, que a participante está conectada ao trabalho, completamente com o outro, não só para o outro, a mercê dele, distante deste na brincadeira.

Ao brincarem, ao refletirem sobre si, nossos participantes ocupam, também, a posição de emprestarem um pouco de si para aqueles que não são vistos quando sozinhos: as crianças e adolescentes que acessam nossos serviços de saúde.

Falando sobre a ludicidade como ferramenta, Sonhadora não hesita: “a brincadeira pode ser uma ferramenta para reerguer pessoas”. Lembramos, então, de Lancetti em “Clínica peripatética”. Para ele, ao retomar a experiência antimanicomial debruçada nos diferentes conceitos sobre o que é clínica, cabe dizer que: “trata-se, de saída, de pôr as pessoas em pé. (LANCETTI, 2016, p. 22). Sonhadora e Lancetti, em seus com-juntos, seriam dois importantes teóricos do movimento de luta antimanicomial brasileiro!

Continuando nas reflexões feitas por Sonhadora, encontramos outras ferramentas para pensarmos. A entrevistada cita a dança e o canto como brincadeiras que a conecta a convivência com seus filhos que hoje são adultos. Sonhadora trás que para brincar é preciso sair do eixo. Abandona-se uma posição de seriedade, deixa-se um invólucro supostamente seguro e assim, deixamos nossas adultices de lado. Para ela, brincar é continuação. Continuar a ação, como devolve a entrevistada a ela no decorrer de sua entrevista. Apresenta, então, familiares que adoeceram por se esquecerem da criança que foram um dia, e coloca a seguinte posição: há quem adoença por não terem podido ser crianças.

Ainda sobre as experiências de vida e o encontro com o cotidiano de trabalho, João, que construía carrinhos de rolimã, jogava futebol e que tinha suas brincadeiras iluminadas pela lua, vê pouca condição de trazer essas referências aos seu trabalho. Para o entrevistado, há o iminente risco de que em algumas brincadeiras possam acontecer acidentes.


Há dias em que escutamos, em reuniões de equipe, mais as palavras risco e perigo do que as palavras vida, resignificar, aprender, criar. Quando lançamos mão deste mestrado, nossa “intenção” era trazer a memória e as reflexões sobre o brincar como armas agudas no combate aos exercícios de controlar. Parecia que o adulto travado fazia travar a clínica em sua exuberância criativa. João, então, caminha com a gente: “Ah, eu não consigo (parece triste ao falar disso). Eu não consigo lidar com pessoas adultas. Eu não consigo [...]”. Sua arma aguda, digamos assim, pra além dos riscos e do perigo, está no futebol. É aí que seus olhos brilham. É ali que há conexão e criação. É ali que está o resgate do menino de Jaboatão dos Guararapes.

Trazendo a questão das conexões entre o adulto e a criança, e as transmissões geracionais, pegamos o caminho das narrativas de Branco. O entrevistado que é estudioso da psicanálise, traz a marca dos conceitos dessa teoria para sua narrativa.

As reflexões de Branco, nascidas ao falar de sua avó Vida, da intromissão da ciência, da vigilância em sua escola e, mesmo da bota ortopédica que o participante quando criança resistia em usar, trazem alguns alertas e avisos. Alertas, pois parecem avisar sobre o que não fazer. E avisos, uma vez que apontam luz para pensarmos sobre o brincar e as estratégias para ludicizar-se.

João reconhece sua dificuldade com adultos. Clarice, em sua entrevista, fala da lembrança de uma infância livre que a leva a compor brinquedos com sobras de materiais. Cita a relação entre ser uma terapeuta ocupacional inventiva e ter sido uma criança livre. Ambos implicam-se à tarefa de pensarem sobre si e daí, caminharem. Aqui estava a aposta desta pesquisa: pensem sobre si e não se deixem calar.





Cada um de nós caminhou por suas lembranças e notamos que esta caminhada produziu marcas em nós. Um dos entrevistados, Branco, fala que transmitir é um dever. E provocamos: o que iremos transmitir às gerações futuras?

Podemos brincar e gravar como foi proposto à Lia. Pode-se misturar FANFICS ao grupo de adolescentes de algum serviço de saúde, como sugere Valéria. E, também, devemos ter cuidado para quando uma brincadeira é instrumento para transmitir práticas opressoras. Há jogos que também podem promover silenciamentos e que continuam a transmitir privilégios para alguns, e opressão para outras, outres, ou outros. Nas brincadeiras também encontramos reproduções racistas e classistas. Logo, alguns jogos e brincadeiras podem ser exercícios de submissão.

Uma brincadeira também aliena, controla e comportamentaliza. Uma brincadeira também transmite fantasmas geracionais e faz passar de geração em geração conteúdos que não gostaríamos de lembrar. Traumas que transmitimos em nossa cultura, elementos de nossa sociedade. Ou mesmo traumas e tramas familiares. Por isso, também, investimos no brincar como instrumento terapêutico para criação e liberdade.

Então, nosso convite é para que saibamos mais sobre a gente. Que possamos publicizar mais. Que façamos a pergunta: quem somos e o que queremos como profissionais da saúde?

Que possamos seguir críticos frente a toda forma de doutrinação. Que possamos falar mais e sempre sobre nossas formas de trabalhar. Que possamos aprender com quem vive ativamente os lugares de luta. Que possamos pensar a militância e o Sistema Único de Saúde do lugar da criatividade, não de modo ressentido e triste. Militância com limitância não constrói formas de resistir. Tal como Branco, que tenhamos memória das coisas para não passá-las a frente:

O que se transmite... O que se transmite? Eu acho que a transmissão é um dever. Eu tenho isso como um dever. Não só com as crianças do CAPSIJ. É um dever com quem fica. Isso vai ficar com quem tiver. Precisa ter memória das coisas. Só que eu acho que não é uma memória qualquer. Eu acho que tem uma tarefa no meio. Quase uma condição que é... (silêncio). Não adianta transmitir do lugar de "mestre". A gente tem que... É quase uma dissociação. Dissociação é um termo que as pessoas não gostam de usar. Falam "ai, dissociou", é quase um sintoma, né. "A pessoa é dissociada". É, não é isso. Mas eu acho que dissociar é necessário. Dissociar em que sentido? Eu preciso dissociar aquilo que eu vivi, para não me tornar mestre. Nostálgico. Porque quem é mestre precisa de escravo. E se a gente não fez esta dissociação na própria história, na memória de infância, e se está aqui fazendo agora, sem essa dissociação, você não transmite. Você... Você doutrina!

A painting depicting a rural scene. In the foreground, several children are playing soccer on a dirt field. One child is kicking a ball, while others are running or watching. In the background, there is a large wooden cross, a cemetery with many small crosses, and a cow grazing in a field. The sky is blue with some clouds.

## Algumas referências bibliográficas utilizadas

## Referências bibliográficas

BENJAMIN, W. *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009. 176 p. Coleção Espírito Crítico.

BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. 253 p.

BONDÍA, S. L. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Rev. Bras. de Edu.* Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, abr. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>>. Acesso em: jun. 2018.

BOSI, E. *O Tempo Vivo da Memória: ensaios de Psicologia Social*. 2 ed. São Paulo: Ateliê Editorial; 2003.

BROUGERÉ, G. *Brinquedo e cultura*; 8º edição. São Paulo: Cortez, 2010. (Coleção questões da nossa época; v. 20).

FONSECA, C. Lá onde cara pálida? Pensando as glórias e os limites do campo etnográfico. *Revista Mundaú*. n. 2 2017: 96 – 118

LACAZ-RUIZ, R. *O Espírito da Serendípite*. 1997. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/mirand4/suplem4/oesprito.htm>>. Acesso em: ago. 2018.

LANCETTI, A. A. *Clínica peripatética*. 10º edição. São Paulo: Hucitec, 2016. (coleção Saúde e loucura; 20. Série Políticas do desejo;1).

QUARENTEI, M.S. Atividades: territórios para a expressão e criação de afetos. *Boletim de Psiquiatria*. Vol 27, nº 1, 1994.p. 26/27.





**CÂNDIDO FERREIRA**  
REINTEGRANDO PESSOAS À SOCIEDADE

REALIZAÇÃO:

CONTATOS:

AUTORAS: Adriele Baldessim ([adriele\\_baldessim@hotmail.com](mailto:adriele_baldessim@hotmail.com))  
Sabrina Ferigato ([sabrinaferigato@gmail.com](mailto:sabrinaferigato@gmail.com))

ISBN 978-65-87180-59-5



9 786587 180595 >